

Questão 04

Nenhuma flor lamentava a morte dos escravos que Celestino sufocara em mar alto. Os homens despejaram a cal no porão, saco a saco. Os negros viram que um pó caía sobre eles, mas não entenderam o que se passava. Os sacos de cal foram vazados no porão e a porta fechada por Celestino. Ouviram-se gemidos, pedidos de socorro e, passado algum tempo, um silêncio que apaziguou os piratas. O rapaz que lhes abria o porão pela calada manteve-se a um canto, aturdido. Entreolhando-se, buscaram na cara uns dos outros um sinal de que podiam voltar a falar. O capitão sorriu, como se estivesse sozinho. Asfixiados, os sessenta e poucos negros que restavam depois da revolta sucumbiram aos vapores corrosivos da cal. Celestino abeirou-se da proa, sem olhar a mortandade. De olho no horizonte que espreitava, ao nascer do dia, sorveu a maresia.

(...)

Adormecia de pé, trauteava cantigas da juventude, sonhava de olhos abertos.

Os relâmpagos caíram sem clemência no último Outono. Parecia que a velha casa da rua dos choupos era a última casa habitada no mundo, ou uma balsa esquecida nas ondas, ou o porão de escravos de um navio à deriva.

Os seus braços, despedidos do dono, esboçavam gestos de marinhar como se, por reflexo, os trovões desencadeassem uma arte antiga, guardada debaixo da sua pele.

Deixou de usar a pala, sem vergonha da cara desfigurada. No quintal, não se julgava no mar onde tinha navegado, mas num mar outro, sem homens e sem tempo.

Djaimilia Pereira de Almeida. *A visão das plantas*. Adaptado.

Nos excertos apresentados, Celestino é retratado em dois momentos distintos de sua vida.

- a) Compare a sua atitude diante dos atos de violência em sua juventude e o seu estado psicológico na velhice.
- b) Explique a relação simbólica entre o espaço do navio e o espaço da casa, tendo em vista a transformação do "mar onde tinha navegado" em um "mar outro, sem homens e sem tempo".

RESOLUÇÃO

a) Em sua juventude, Celestino, capitão onipotente de navios negreiros, representante do colonialismo português, afrontava rebeliões dos escravizados com violência extrema, ira, poder. Diante da asfixia, provocada pela cal despejada no porão da embarcação onde se encontram os revoltosos, "sessenta e poucos negros que restavam depois da revolta" sucumbem "aos vapores corrosivos da cal", enquanto o "capitão sorriu" sem se sensibilizar com a "mortandade", sem piedade, contrariamente à velhice, na qual, "como uma balsa esquecida nas ondas", metaforiza o esquecimento, o desprezo, a solidão, a inutilidade. Ao retornar à antiga e abandonada casa dos pais na rua dos Choupos e se dedicar à remodelação do jardim, que não o julga e aceita a doma, Celestino vive seus decadentes dias finais, seu "último Outono". Assim como a frase condutora do romance de Djaimilia: "o que se ata em vida na morte não se desata", Celestino, antigo captor de escravos, é um ser enfraquecido, praticamente escravizado pela impotência, pelos fantasmas do passado, pela invisibilidade e irrelevância.

b) Simbolicamente, os espaços do navio e o espaço da casa, são metonímias de dois momentos da história portuguesa: o "mar onde tinha navegado" se associa ao passado, ao poder, à brutalidade, ao domínio possibilitado pela violência, em que Capitão Celestino comandava o navio negreiro. O "mar outro, sem homens e sem tempo", estabelece relação conotativa com o presente histórico português, sugerindo a decadência, a perda de poder pela independência das colônias. Assim a velhice, o esquecimento ao qual é exposto Celestino, o tempo de terra trazem o silêncio, a ausência de reparação e de julgamentos, num "outro mar", num outro momento histórico da nação lusitana tão atrelado às conquistas marítimas passadas.